

GAROTA DE IPANEMA

Claudio Orestes Britto Filho

Acadêmico titular da APMED – Cadeira Nº 07

Garota de Ipanema é a segunda canção mais executada mundialmente, criada na década de 60 por Tom Jobim e Vinícius de Moraes. A música teve como fonte de inspiração a carioca Helô Pinheiro, que chamava atenção na sua forma de caminhar pela praia de Ipanema, bairro onde morava. Tanto a garota e como o local ficaram eternizados na composição dos dois amigos e parceiros, principalmente a beleza e o charme da jovem musa.

A inspiração é o principal elemento, no qual é moldado a materialização de uma ideia. O neurocientista Frederick Travis coloca que “Somos nós que criamos a nossa própria realidade”, já Napoleon Hill, escritor americano, afirma “Tudo o que a mente humana pode conceber, ela pode conquistar”. Porém, quando observamos a mitologia através das suas crenças e de suas narrativas representativas do sagrado, uma tentativa de expressar a existência de diversidade de elementos da natureza e a fonte de inspiração desses elementos, nos deixa fascinados com o que identificamos na sua siconicidade. Neste sentido, a mitologia grega nos remete ao sentido original da palavra musa, sempre associada a fonte de inspiração, criação, materialização e modelo de conservação da memória. Em especial, numa época que não tínhamos como registrar por escrito os fatos e, mesmo assim, vislumbramos a inspiração da ideia e da palavra verbalizada, e a sua conservação através do tempo.

Museion era o templo das musas, onde eram realizadas cerimônias, apresentações artísticas e estudos. Esse termo deu origem à palavra museu nas diversas línguas, como local de cultivo e preservação das artes e ciências. As musas cantavam o presente, o passado e o futuro, acompanhadas pela lira de Apolo, para o deleite das divindades do Olimpo. Filhas de Mnemósine, deusa da memória, e Zeus, pai dos deuses do Olimpo, que partilhou o leito com Mnemósine durante nove noites consecutivas e, um ano depois, resultou no nascimento das nove musas.

As musas eram consideradas as deusas inspiradoras para os artistas, escritores e músicos na mitologia, cada uma representava uma forma específica de expressão nas artes, do conhecimento, da criatividade e das ciências. Estavam associadas à poesia, à música, à dança, à história, etc. A própria palavra "música" tem origem na musa Érato, que era associada à poesia lírica e à música. Acredita-se que, quando um artista era tocado pela graça de uma musa, seu trabalho se tornava sublime e cheio de criatividade.

Muito mais do que uma fonte de inspiração mística, as musas também podem ser interpretadas como representações simbólicas de diferentes aspectos da mente humana. Cada musa personifica uma forma específica de expressão criativa, e ao buscar a inspiração em cada uma delas, explorando diferentes aspectos de nossa própria criatividade. Mnemósine deu à luz nove filhas em um lugar próximo ao monte Olimpo. Aqui temos as nove Musas e suas características:

- 1- Calíope (bela voz), a primeira entre as irmãs, era a musa da eloquência, é representada sob a aparência de uma jovem de ar majestoso, a fronte cingida de uma coroa de ouro. Está ornada de grinaldas, com uma mão empunha uma trombeta e com a outra, um poema épico.
- 2- Clio (a que confere fama) era a musa da História. Representada sob o aspecto de uma jovem coroada de louros, tendo na mão direita uma trombeta e na esquerda um livro.
- 3- Euterpe (a que dá júbilo) era a musa da poesia lírica. Ela é uma jovem, que aparece coroada de flores, tocando o instrumento de sua invenção.
- 4- Tália (a festiva) era a musa da comédia que vestia uma máscara cômica e portava ramos de hera. É mostrada com um cajado de pastor, coroada de hera, calçada de borzeguins e com uma máscara na mão.
- 5- Melpômene (a cantora) era a musa da tragédia; usava máscara trágica e folhas de videira. Empunhava a maçã de Hércules e era oposto de Tália.
- 6- Terpsícore (a que adora dançar) era a musa da dança. Apresenta-se coroada de grinaldas, tocando uma lira, ao som da qual dirige a cadência dos seus passos.
- 7- Érato (a que desperta desejo) era a musa do verso erótico. É uma jovem ninfa coroada de mirto e rosas. Com a mão direita segura uma lira e com a esquerda um arco.

- 8- Polímnia (a de muitos hinos) era a musa dos hinos sagrados e da narração de histórias. Costuma ser apresentada em atitude pensativa, com um véu, vestida de branco, em uma atitude de meditação, com o dedo na boca.
- 9- Urânia (celeste) era a musa da astronomia, tendo por símbolos um globo celeste e um compasso. Representam-na com um vestido azul-celeste, coroada de estrelas e com ambas as mãos segurando um globo que ela parece medir. Urânia era a entidade a que os astrônomos/astrólogos pediam inspiração.

A relação entre as musas e a criatividade tem sido objeto de interesse científico. Estudos recentes exploraram a conexão entre a memória e a emoção, e como esses dois elementos podem influenciar o processo criativo. Pesquisadores descobriram que a emoção desempenha um papel crucial na formação das memórias e na recuperação destas. Não é à toa que normalmente vêm à memória fatos de nosso passado ligados aos nossos sentimentos e às nossas emoções boas ou ruins. Daí também a importância de cultivar um sentimento forte ao que se faz da vida para reter uma boa memória ao longo da vida.

Nos artigos científicos intitulados “Memória, aprendizagem, emoções e inteligência” e “Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica”, os autores exploraram como as emoções podem ativar diferentes regiões do cérebro, como o hipocampo, estimulando a criatividade e a memória. Eles evidenciam que a memória emocional pode desencadear um estado de fluxo criativo, no qual as ideias fluem livremente e a pessoa se sente imersa em seu trabalho.

Símbolos poderosos, é interessante refletir sobre como essas musas da inspiração podem estar correlacionadas com a memória, criatividade e a emoção. Quando um artista é inspirado por uma musa, é como se sua memória emocional fosse ativada, trazendo à tona experiências passadas e sentimentos profundos. Essa conexão entre memória, emoção e criatividade pode explicar por que certas obras de arte têm o poder de nos tocar tão profundamente.

A palavra "mnemônica" vem do grego e significa "relativo à memória". A técnica da mnemônica é uma forma de auxiliar a memória humana por meio de associações e imagens mentais. Mnemósine encerra em si mesma toda a imensidão de sua genealogia, filha do céu (Urano) e da terra (Gaia), irmã do tempo e do oceano. Aqui abro um parêntese pelo fato de ser

filha do céu e da terra e que nos remete a uma frase famosa dita por Hamlet que, se dirigindo a Horácio, diz: “Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia dos homens possa imaginar”, frase que evidencia a capacidade de inspiração do escritor e teatrólogo inglês William Shakespeare. Na realidade, Mnemósine transpõe o tempo absoluto, isto é, o tempo medido e racionalizado na imensidão da capacidade de uma memória que sobrevive ao tempo.

Sem sombra de dúvidas, nossas musas refletem a necessidade do encanto ao cantar, propagam a memória, nascem para trazer a presença e a perpetuação do que tem significância. São filhas e, ao mesmo tempo, a própria personificação da memória. Como coloca Gibran: “a voz não leva consigo a língua e os lábios que lhe deram asas”, entretanto, uma vez em seu canto, a voz voa aos ouvidos o poder de não ser esquecida.

Por fim, deixo algumas reflexões: O que seria dos épicos seculares de todas as culturas? O Mahabharata e o Bhagavad Gita, Epopeia de Gilgamés, Ilíada, Odisseia e outros, que sobreviveriam através da sonoridade que os tornaram memoráveis através do tempo. E o que seria de alguns de nossos grandes artistas, como Ary Barroso, Alceu Valença, Caetano Veloso, Geraldo Azevedo e outros, sem uma musa inspiradora na composição de suas canções?



Apolo e as Musas, de Heinrich Maria von Hess (1798-1863).